

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de 02/03/2019.

LAHÍS MORENO GIBELATO

REPRESENTAÇÕES DAS RELAÇÕES DE GÊNERO EM APULEIO

ASSIS

2017

LAHÍS MORENO GIBELATO

REPRESENTAÇÕES DAS RELAÇÕES DE GÊNERO EM APULEIO

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestra em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Orientador(a): Dra. Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi

Bolsista: CAPES

ASSIS

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

G445r Gibelato, Lahís Moreno
 Representações das relações de gênero em Apuleio / Lahís
Moreno Gibelato. Assis, 2017.
 91 f.

 Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

 Orientador: Dr^a Andrea Lúcia Dorini de Oliveira C. Rossi

 1. Sátira na literatura. 2. História antiga na literatura. 3. Li-
teratura e história - Roma. 3. Literatura antiga - Aspectos so-
ciais. 4. Relação de gênero. I. Título.

CDD 907.2

FOLHA DE APROVAÇÕES

LAHÍS MORENO GIBELATO

Representações das relações de gênero em Apuleio

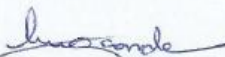
Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Assis para a obtenção do título de Mestrado Acadêmico em HISTÓRIA (Área de Conhecimento: HISTÓRIA E SOCIEDADE)

Data da Aprovação: 02/03/2017

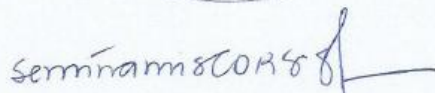
COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: Profa. Dra. Andréa Lucia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi - UNESP/ASSIS



Membros: Profa. Dra. Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa - USC/BAURU



Profa. Dra. Semíramis Corsi da Silva - UFSM/SANTA MARIA

AGRADECIMENTOS

Declarar a minha gratidão a todos aqueles que me acompanharam no decorrer da minha caminhada acadêmica, sobretudo ao longo do mestrado e escrita da dissertação, não é apenas uma formalidade, mas uma sensível retribuição a que me sinto no dever de fazer.

Agradeço, primeiramente, a minha família, especialmente minha amada mãe, Nilce, a quem sempre me espelhei e admirei por sua dedicação e persistência. A meu pai Antonio de quem, certamente, herdei a força e a coragem para enfrentar os desafios. Também ao meu irmão caçula, Álvaro, a quem sempre almejei inspirar. Foram estes que me proporcionaram todo o necessário para que eu pudesse concluir meus estudos, apoiando as minhas escolhas profissionais desde o início de minha graduação e que contribuíram para que pudesse finalizar mais essa etapa. Sinto que são os principais responsáveis por cada uma das minhas pequenas vitórias

Àquele que é meu maior incentivador, que me encoraja à busca, ao estudo e aos desafios futuros, mas que não deixa de ser meu porto seguro, também sou grata. Quem escolhi para compartilhar tanto as aventuras, quanto os momentos cotidianos, aquele que se tornou meu companheiro de vida, Helder.

Gostaria de agradecer, especialmente, a minha orientadora Prof^a Dra. Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi, por ter aceitado orientar-me e ter me auxiliado com rigor que o processo exige, mas com delicadeza que uma amizade proporciona. Por ter sido além de uma motivadora, uma desafiadora. Que em cada uma de nossas conversas e reuniões proporcionou um pouco mais de compreensão sobre o universo acadêmico e me fazia reconhecer o tipo de profissional e pesquisadora que busco ser.

Agradeço imensamente as integrantes da banca de defesa, Prof^a Dra. Lourdes Conde Feitosa e a Prof^a Dra. Semíramis Corsi Silva, duas das historiadoras da Antiguidade que tanto admiro e que tive a oportunidade de dialogar desde minha banca de qualificação, proporcionando rico debate e cujas sugestões e proposições foram essenciais para o caminhar desta pesquisa.

Sou grata ao meu orientador de graduação e especialização, Prof. Dr. Julio Cesar Magalhães de Oliveira, quem tanto admiro, como professor e historiador e

quem me apresentou Apuleio, que viria a ser minha fonte de pesquisa por tanto tempo.

A Prof^a Claudia Binato, pela leitura e sugestões ao projeto inicial e, também, ao Prof. Alessandro Beccari, por juntos ministrarem as aulas de línguas clássicas, essenciais para o aprofundamento do estudo da língua latina e compreensão das passagens da obra de Apuleio.

Agradeço aos amigos que me acompanharam nessa jornada, em especial a Lorena Balbino e a Isadora Buono pelas leituras do texto, sugestões e desabafos. Também a todos aqueles a quem essa experiência me possibilitou conhecer e que se tornaram colegas de profissão e amigos queridos, especialmente, Gilvana, Antonio, Nelson e Bendito, pelas conversas e trocas de experiências. E as amigas queridas Yasmin, Keila, Andressa, Paula e Tássia, pelo apoio sempre.

Por fim, a CAPES pelo financiamento fundamental para o desenvolvimento de minha pesquisa.

A todos, meu reconhecimento e minha gratidão!

*“Sou fera, sou bicho, sou anjo e sou mulher
Sou minha mãe e minha filha,
Minha irmã, minha menina
Mas sou minha, só minha e não de quem
quiser
Sou Deus, tua deusa, meu amor”
(Renato Russo)*

GIBELATO, Lahís Moreno. **Representações das relações de gênero em Apuleio**. 2017. 91 f. Dissertação (Mestrado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017.

RESUMO

Neste trabalho são analisadas as representações das relações de gênero na obra de literatura satírica *Metamorfoses* do autor romano-africano Apuleio. O livro é considerado a obra da maturidade deste autor, que viveu no século II d.C. Entender como essas relações têm sido estudadas na historiografia e nas Ciências Humanas, bem como compreender como esse tipo de literatura vem sendo analisada pela historiografia especializada são também aspectos de grande importância do presente estudo. Nesta pesquisa de caráter histórico, é levado em conta a origem e a condição social do autor, pois se trata de uma província do Império Romano. A história fantástica se trata de uma narrativa em que um homem, através do mal-uso de práticas mágicas, acaba por se transformar em um asno. Mesmo assim, a obra literária pode ser um instrumento de grande importância no estudo das relações sociais no universo da Antiguidade, pois carrega indícios que permitem a interpretação de aspectos da sociedade representados pela visão de um autor da aristocracia provinciana. São desenvolvidas discussões historiográficas e estudos de caso de passagens selecionadas à luz da teoria de gênero, baseadas na leitura da historiadora Joan Scott, para se investigar as formas de construção dessas relações. Por fim, é analisado a questão das representações presentes na narrativa, que usa o exagero e a maximização de características consideradas próprias do gênero feminino para compor uma crítica, ao passo que são apresentadas modelos de condutas para contrapô-las.

Palavras-chave: Apuleio. *Metamorfoses*. Império Romano. Representações. Relações de gênero.

GIBELATO, Lahís Moreno. **Representations of gender relations in Apuleius**. 2017. 91 f. Dissertation (Master in History). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017.

ABSTRACT

In this work the representations of the gender relations in the book of satiric literature *Metamorphoses* of the Roman-African author, Apuleius, are analyzed. This book is considered the work of the maturity of the author, who lived in the second century AD. Understanding how these relationships have been studied in historiography and Human Sciences, as well as understanding how this type of literature has been analyzed by specialized historiography are also aspects of great importance of the present study. In this research of historical character, is considered important the origin and the social condition of the author, since it is a province of the Roman Empire. The fantastic story is about a narrative in which a man, through the misuse of magical practices, turns out to be an ass. Even so, the literary work can be an instrument of great importance in the study of social relations in the universe of Antiquity, because it carries indications that allow the interpretation of aspects of the society represented by the vision of an author of the provincial aristocracy. Historiographical discussions and case studies of selected passages are developed in the light of the gender theory, based on the reading of the historian Joan Scott, to investigate the forms of construction of these relations. Finally, the question of the representations present in the narrative is analyzed, which uses the exaggeration and the maximization of characteristics considered as belonging to the feminine gender to compose a critique, while the models of behavior are presented opposing them.

Key words: Apuleius. *Metamorphoses*. Roman Empire. Representations. Gender relations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 APULEIO E SUAS <i>METAMORFOSES</i>.....	24
1.1 Aspectos da vida de Apuleio.....	25
1.2 A produção apuleiana.....	29
1.3 O Asno que vale ouro.....	31
1.4 Leituras da obra <i>Metamorfoses</i>	35
1.4.1 Temáticas filosófico-religiosas.....	36
1.4.2 Práticas jurídicas.....	40
1.4.3 Casamento, divórcio e as relações de gênero.....	41
2 A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO EM APULEIO	48
2.1 A distinção dos gêneros nas <i>Metamorfoses</i> de Apuleio.....	48
2.2 Algumas considerações sobre a divisão dos sexos no mundo romano.....	53
2.3 Considerações sobre o estudo das relações de gênero no mundo romano.	59
2.4 A representação do casal nas <i>Metamorfoses</i> : a relação entre Panfília e Milão	61
3 REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO E MAGIA NAS <i>METAMORFOSES</i>.....	64
3.1 A feiticeira como a imagem da mulher condenável.....	65
3.2 Modelos de conduta: as mulheres virtuosas de Apuleio.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS	86

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as representações das relações de gênero na obra de literatura satírica latina *Metamorfoses*¹, escrita no século II d.C. pelo autor romano-africano Apuleio.

A pesquisa de mestrado que aqui se apresenta é, em certa medida, desdobramento de reflexões iniciais que fizeram parte de um projeto de iniciação científica desenvolvido durante a graduação, que objetivava estudar as relações sociais da Antiguidade apresentadas na obra mais conhecida de Apuleio. O projeto instigou questionamentos mais específicos sobre as relações de gênero e fundamentaram estudos de caso para um trabalho de conclusão de curso, voltado a personagens femininas. Posteriormente, tal análise proporcionou a publicação do artigo intitulado “Romance com uma escrava: Relações de gênero em *O Asno de Ouro* de Apuleio” (GIBELATO, 2012), em que o romance entre Lúcio, o protagonista, e uma escrava de nome Fótis, é analisado em comparação aos modelos de conduta da antiguidade trazidos por visões tradicionais, como de Paul Veyne (2009).

Não obstante, tal obra apresenta-se como uma fonte riquíssima no estudo da Antiguidade e, certamente, uma pesquisa de iniciação científica não bastaria para esgotar seu potencial de análise, pois, como facilmente pode ser comprovado através de uma breve busca a estudos de sua obra, provoca infindáveis questionamentos em diversas áreas. Nesta nova pesquisa, os estudos sobre a questão de gênero foram aprofundados através da historiografia especializada, propiciando um novo olhar e novos questionamentos à fonte documental. Tendo como principal foco compreender a dinâmica das representações de gênero construídas pelo autor na obra, bem como analisar a partir da perspectiva relacional como se estabelecem as representações femininas frente aos seus pares e, principalmente, a partir do ponto de vista masculino de um autor proveniente da aristocracia.

Diferentemente de *Satyricon*, de Petrônio, que chegou até a atualidade contendo apenas partes do texto original, a obra *Metamorfoses* é a única narrativa

¹ Esta obra de Apuleio recebeu, ao longo do tempo, diversos títulos por seus tradutores, entre eles: *Lúcio*, *O Asno* e *O Asno de Ouro*. Entretanto, o título *Metamorfoses* (do latim *Metamorphoseon*) é considerada a maneira como o próprio Apuleio a intitulou, portanto, dessa forma que será referenciada neste estudo.

literária, do mesmo gênero, de origem latina que chegou a atualidade integralmente (PARATORE, 1987). Os estudos sobre a literatura satírica de narrativas como o *Satyricon* e *Metamorfoses* tiveram um interesse renovado a partir de meados do século XX, com a significativa mudança que a historiografia sobre o mundo antigo passou, por apresentarem uma visão específica dos comportamentos e vocabulário de pessoas comuns. Nos últimos anos, novos questionamentos foram surgindo e, a partir dessas obras, puderam enriquecer as pesquisas sobre práticas cotidianas e modos de vida, ausentes dos registros que, durante muito tempo, foram priorizados nos estudos da Antiguidade.

Contudo, a pesquisa historiográfica, que tem como fonte documental uma obra literária, precisa ter como ponto de partida algumas premissas claras sobre a sua utilização. Obras literárias são a expressão da cultura e, dessa forma, representam direta ou indiretamente o contexto em que foram produzidas. Todo relato é um produto, e toda narrativa é uma construção. Ou seja, são retratos da realidade e apresentam indícios que possibilitam interpretar as visões de mundo do impressas nas representações que constrói.

Adota-se *representação* a partir da interpretação do conceito cunhado pela História Cultural do historiador francês Roger Chartier, que permite buscar em *Metamorfoses* indícios históricos de aspectos culturais da sociedade em que Apuleio estava inserido, bem como compreender sua visão sobre as relações de gênero em seu meio social, pois ao ser operacionalizado de maneira adequada, demonstra-se como uma ferramenta frutífera para a produção das análises pretendidas.

Segundo Chartier (1990, p. 63), nenhum texto mantém uma relação de transparência com a realidade que apreende, entretanto, isso não significa que não traga indícios de seu contexto de produção. Isto é, todo documento, relato ou testemunho sobre o passado requer escolhas entre como e o que será exposto, o que será ocultado (intencionalmente ou não), ao passo que traz em si a visão de mundo e os anseios de seu autor e como este concebe a sua sociedade e seus contemporâneos.

Ao historiador cabe o desafio de dissecar os relatos do passado para compreensão das representações, o que exige determinar, primeiramente, a natureza do documento, para então utilizar-se de modelos específicos de análise de cada tipo de fonte, pois mesmo que nenhum texto apresente um relato neutro, não podem ser todos tratados da mesma forma, já que existem “modelos discursivos e

delimitações intelectuais próprios de cada situação de escrita” (CHARTIER, 1990, p. 63).

O conceito de representação constitui uma categoria analítica relevante na medida que compreende a visão que um indivíduo (ou coletivo) tem ou apresenta, tanto de si, quanto do outro (CHARTIER, 1991, p. 183). Neste trabalho, se estabelece como uma opção instrumental metodológica pelo fato de se conectar com as relações sociais através de três formas principais que são relevantes para esta pesquisa:

de início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exhibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais "representantes" (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe (CHARTIER, 1991, p. 183).

Neste sentido, a partir deste conceito as análises servirão para examinar as escolhas e os valores que Apuleio emprega ao representar aspectos da sociedade - mais especificamente através do recorte de gênero - em sua narrativa, bem como as práticas e papéis destinados a cada um deles e os modelos e padrões destinados a determinados gênero. Necessita-se, desse modo, pensar a natureza do texto e que tipo de representações o autor pretende construir.

Tal questão é relevante uma vez que a obra *Metamorfoses* aparentemente destoa da produção precedente de Apuleio. Considerada a obra de sua maturidade, fora a única narrativa do mesmo gênero produzida pelo autor que resistiu ao tempo – há, em suas obras, a referências a outra obra literária, mas não chegou até a atualidade. Não obstante, se trata de um texto que apresenta uma visão satírica da sociedade, em que o humor e a ironia estão presentes quase que por completo na narrativa. Entretanto, não é apenas nesta obra que Apuleio demonstra sua predileção ao uso da ironia: na transcrição de seu discurso de autodefesa da acusação de magia, intitulado *Apologia*, várias vezes usa dessa ferramenta discursiva para deslegitimar a acusação e denegrir seus acusadores (SILVA, Semíramis C., 2012a).

Dessa forma, é entendido que a ironia e a sátira têm um propósito de uso e são indicadores da visão de mundo do autor. Segundo Glaydson J. da Silva (2001, p. 40), “[...] o exagero e a caricatura denunciam nos textos as intenções dos autores”, e lembra que, mesmo não sendo relatos fieis da vida cotidiana, “há entre os autores e leitores uma cumplicidade, que se concretiza no humor”. Isto significa que embora essa narrativa cômica reflita, de certo modo, preocupações próprias do autor da obra, ela pode também falar às aspirações de seus leitores.

Ao sobrepor as obras *Ars Amatoria*, de Ovídio, e *Satyricon*, de Petrônio, Glaydson José da Silva (2001, p. 39) percebeu que, “tematicamente, a mulher - enquanto categoria bem ampla - é um dos temas sobre os quais recai a ironia, o humor masculino”. Em *Metamorfoses*, essa temática também é perceptível, pois ao longo da narrativa Apuleio representa ironicamente suas personagens femininas, entretanto, a sátira envolve as relações com o universo masculino. Assim, se torna necessário compreender essas construções em um âmbito relacional, pois as personagens e situações caricaturadas não se restringem às mulheres. Ao próprio protagonista da obra recai a ironia do autor, ao transformar-se em asno por sua inconsequente curiosidade.

Nesse sentido, a compreensão do conceito de *gênero*, que se destaca dentre as novas abordagens da historiografia, é essencial para composição das análises desta pesquisa. Se configura como uma tendência analítica proveniente do pensamento feminista que, a partir dos anos de 1960 e 1970, gerou estudos focados na história das mulheres. A História das Mulheres teve como pressuposto a reintegração da mulher na história e acompanhava, em sua origem, as buscas feministas - principalmente norte-americanas - de uma “expansão nos limites da história” (SCOTT, 1992a, p. 75). Nesse contexto, “tornar visível aquela que fora ocultada” (LOURO, 1997, p. 17) se estabeleceu como o grande objetivo das acadêmicas feministas que se articulam para os primeiros estudos sobre as mulheres na história, como uma categoria independente.

Para Margareth Rago (1998), essa “feminilização” dos estudos acadêmicos se deu, em parte, pelo grande número de mulheres que ingressaram nas universidades nesse período. Também no Brasil, a partir da década de 1980, desenvolveram-se estudos que propunham que as mulheres fossem vistas como sujeitos ativos no processo histórico. Esses trabalhos foram advindos dos crescentes ideais e novas

figurações do movimento feminista que procuravam reivindicar o lugar pertencente às mulheres na História.

De modo geral, as perspectivas epistemológicas que foram sucedidas do movimento feminista tiveram sempre que enfrentar críticas e oposição daqueles que consideram a “história tradicional” como uma narrativa desinteressada, ou de alguma forma, neutra. Dificilmente as tentativas feministas de expor as “tendências machistas” ou a “ideologia masculinista” da escrita da história não tenham sido ridicularizadas ou rejeitadas como expressão de “ideologia”² (SCOTT, 1992a, p. 79). Esse tipo de acusação é perigosa e obriga que os pesquisadores dessas temáticas sejam duplamente cuidadosos para que seus trabalhos sejam considerados legítimos na missão de contrastar outras vozes aos relatos predominantemente fálicos da disciplina histórica.

A História das Mulheres buscou investigar os processos que fizeram com que as ações do homem fossem consideradas a representação da “história humana em geral”, expondo “a hierarquia implícita em muitos relatos históricos” ao questionar “a prioridade relativa dada à ‘história do homem’, em oposição à ‘história da mulher’” (SCOTT, 1992a, p. 78). Não obstante, esse objetivo trouxe críticas e pouco se mostrou eficiente em modificar o papel secundário que as mulheres receberam na historiografia até então, pois esse tratamento em separado da “história da mulher”, em detrimento da “história do homem”, estaria admitindo a marginalização da primeira diante da dominação da segunda, gerando, portanto, um efeito contrário ao pretendido: o de apenas confirmar a presença feminina na história, sem alterar a sua importância (SCOTT, 1994). Segundo Scott (1992a, p. 80-81), isso se deveu ao fato de terem evitado um confronto mais radical com a história tradicional, pelo receio de que seus trabalhos fossem acusados de “ideológicos” e, conseqüentemente, desqualificados.

As proposições dicotômicas geradas pela História das Mulheres são discutidas a partir do final da década de 1970, bem como a concepção unitária da categoria “mulher”. Propõe-se o questionamento das dicotomias ao problematizar tanto a constituição de ambos os polos quanto a unidade interna de cada um deles (SCOTT, 1992a). Com a introdução da “diferença”, fica evidente que o homem não

² O conceito de ideologia é utilizado pela autora, carregado de um sentido pejorativo e enxergado como aquilo que contamina e, por isso, distorce o relato histórico, desqualificando o trabalho intelectual (SCOTT, 1992a, p. 79).

deve ser representado como a figura universal da humanidade, no entanto, é necessário também questionar a existência de uma expressão única da definição de mulher.

Para efetivamente inscrever as mulheres na história foi necessário pensar sobre a diferença como constituinte das relações entre indivíduos e grupos sociais – portanto, não apenas entre homens e mulheres, mas também, ou principalmente, entre aqueles dentro de um mesmo gênero. Tendo em vista as dificuldades de se trabalhar com mulheres apenas como uma categoria adicional, na década de 1980 o conceito de *gênero* foi criado. Para as diferenças sexuais foi inserido e ressignificado o termo “gênero”, que deixa de ser um termo apenas gramatical de definição dos gêneros masculino e feminino para apresentar os contrastes das conotações sociais construídas sobre o sexo (SCOTT, 1992a; 1994; 1995). O uso do conceito de gênero rejeita a concepção de masculino e feminino como esferas fundamentalmente separadas, ou sobre o estudo de mulheres de maneira isolada, como se não houvesse quase ou nenhuma relação com um universo masculino. Foi necessário desconstruir as polaridades rígidas da dicotomia e esclarecer que ambos, e cada um, contém o outro (SCOTT, 1995, p. 75).

Esta categoria analítica esteve ausente das principais abordagens de teoria social formuladas antes do século XX. Apesar de algumas delas elaborarem considerações a partir da oposição de masculino e feminino, ou acerca de uma “questão feminina”, nenhuma se propunha a pensar sobre os sistemas de relações sociais baseadas nos gêneros (SCOTT, 1995, p. 85). Para Maria Izilda Matos (1998, p. 68), o gênero como categoria analítica ajuda a superar a dicotomia entre a “vitimização” e a “heroicização”, que de qualquer modo incorporava as mulheres no interior de uma narrativa pronta. Essa dicotomia preestabelecida deixava de lado toda a composição histórico-social dos gêneros masculino e feminino. Portanto, é apenas com as análises das relações de gênero que as questões do feminino e do masculino são discutidas em confronto uma com a outra.

O gênero, enquanto categoria analítica, emerge em um período de “efervescência epistemológica” (SCOTT, 1995, p. 85) e abre um debate que culmina em uma completa mudança de paradigmas, ao lado da crítica da ciência articulada pelas humanidades e da crítica do empirismo e humanismo, desenvolvida pelos pós-estruturalistas. Em uma atmosfera de renovação do pensamento, se encontra

espaço para um novo conceito tanto nos campos acadêmicos, quanto em disputas políticas.

O campo dos estudos de gênero tem na historiadora Joan Wallace Scott, uma de suas maiores representantes, cujo artigo *Gender: A Useful Category of Historical Analysis*, de 1986, estabelece o conceito de gênero como uma das categorias de análise histórica. Assim, a categoria de gênero passa a ser compreendida como relativa a contextos de construção, investigando a criação e manutenção social dos papéis que são destinados e considerados adequados a homens e mulheres. Inicialmente é definida como “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 1995, p. 75), entretanto, esta definição suscita duras críticas das teorias pós-estruturalistas.

A principal crítica ao conceito de gênero é proveniente do que se intitula como Teoria *Queer*³, em relação ao fato de considerá-lo um produto cultural, sem questionar a existência de um tipo de diferença natural, isto é, da materialidade do corpo, que condicionaria o significado. Para Guacira Lopes Louro (2004, p. 15) o próprio “ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um ‘dado’ anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário”. Segundo a filósofa Judith Butler (2007), antes de serem formadas por diferenças materiais, as diferenças sexuais são marcadas por práticas discursivas, portanto, não há sexo pré-discursivo. Nessa perspectiva, a própria noção de “sexo” – enquanto materialidade de um corpo – é concebido como um “ideal regulatório” que é corporificado através de práticas reiteradas forçosamente ao longo do tempo.

Nesse sentido, Butler (2003, p. 25) afirma que entender o gênero como construção cultural *sobre* o sexo biológico não é o suficiente, seria preciso “designar também o aparato de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos”, pois considera o próprio gênero como “meio discursivo/cultural pelo qual a ‘natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura”, ou seja, “uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura”.

Para a filósofa, o conceito de gênero não questionaria as estruturas de diferenciação, pois estaria, ele mesmo, colaborando para a manutenção da oposição

³ Segundo Fábio Cerqueira e Renato Pinto (2011, p. 12), “A palavra *queer* [...] quer representar tudo aquilo que escapa da homogeneização, da normalização de nossos conceitos modernos do que são as práticas sociais dos gêneros e das sexualidades”, e se propõe abarcar temas e indivíduos que vão além daqueles investigados pela sociologia e da teoria cultural pós-modernista.

binária fixa – “uma pessoa é o seu gênero, na medida que não é o outro gênero” (BUTLER, 2003, p. 45) – e, por conseguinte, reiteraria os regimes da heteronormatividade, porquanto “a coerência ou unidade internas de qualquer dos gêneros, homem ou mulher, exigem assim uma heterossexualidade estável e oposicional” (BUTLER, 2003, p. 45).

Mais de vinte anos depois de seu clássico artigo, Joan Scott publicou, em 2010, *Gender: Still a Useful Category of Analysis?* – “Gênero: ainda uma categoria útil de análise? ”, em tradução livre – com a intenção de repensar a validade das pesquisas baseadas no uso analítico da categoria de gênero diante das severas críticas ao conceito.

Scott admite que, no tempo em que desenvolveu seu principal artigo, usava-se a expressão “construção cultural” em demasia, fundamentada na ideia de que os significados (gêneros) eram atribuídos pela cultura e não inerentes aos corpos, bem como a existência de uma política de atribuições de significados/sentido (SCOTT, 2010). Distinguiam-se as noções de sexo e de gênero, um se referindo à biologia e o outro à cultura.

Entretanto, para Scott, o conceito de gênero nunca foi considerado como definido, acabado ou definitivo:

Nos anos de 1970 e 1980 "gênero" produziu um trabalho teórico importante para as feministas; forneceu uma forma de repensar os determinantes das relações entre os sexos; não houve "uso geralmente aceito" do termo. "Gênero" abriu todo um conjunto de questões analíticas sobre como e em que condições diferentes papéis e funções haviam sido definidos para cada sexo; como os próprios significados das categorias "homem" e "mulher" variam de acordo com o tempo, contexto e lugar; como as normas reguladoras do comportamento sexual foram criadas e executadas; como questões de poder e direitos são desempenhados em definições de masculinidade e feminilidade; como as estruturas simbólicas afetam a vida e práticas de pessoas comuns; como as identidades sexual foram forjadas dentro e contra prescrições sociais⁴ (SCOTT, 2010, p. 9).

Das implicações iniciais do termo para os tempos atuais, a palavra ganhou outros significados. Enquanto no senso comum “gênero” se tornou uma forma polida de se referir ao sexo e a tudo que lhe diz respeito, o termo “sexo” foi reservado ao

⁴ Todas as citações e referências a trabalhos que estão originalmente outro idioma foram traduzidas por nós especialmente para a produção desta dissertação e serão apresentadas ao longo do texto em português, podendo ser consultados na bibliografia ao final.

ato sexual; além disso, há outra linha de pensamento que considera que o gênero tem implicações radicais e extremamente subversivas⁵ (SCOTT, 2010, p. 8).

Ao mesmo tempo, no âmbito dos estudos acadêmicos, muito frequentemente "gênero" foi relacionado a uma abordagem metodológica em que os significados de "homens" e "mulheres" são tomados como estáticos, resumindo-se a trabalhos descritivos sem preocupar-se em interrogar os significados das categorias; mesmo com um crescente número de pesquisas sobre gênero e sexualidade, em sua maioria estes referem-se à oposição binária macho/fêmea, dentro de um parâmetro da heterossexualidade (SCOTT, 2010).

O problema, contudo, não está no cerne do conceito de gênero, mas nas utilizações acríticas que se fizeram dele. Sendo assim, o gênero

continua a ser útil somente se ele for além dessa abordagem, se for tomado como um convite a pensar criticamente sobre a forma como os significados de corpos sexuados são produzidos em relação um ao outro, como esses significados são implantados e mudados (SCOTT, p. 10).

Se é o gênero que produz significados para o sexo e estrutura a diferenciação sexual, e não o contrário – o corpo biológico que determina os significados culturais de gênero –, então é a própria diferença sexual que deve ser problematizada. Ou seja, se não existe nenhuma distinção entre sexo e gênero é ainda possível que o gênero sirva de ferramenta e chave para compreender o sexo, pois deve questionar a construção das diferenças, sendo elas entendidas como gênero ou relativas ao sexo. O conceito de gênero ainda será uma categoria útil de análise se buscar historicizar as maneiras cujo o sexo e a diferença sexual tem sido concebidas. Utilizando-se do conceito de forma crítica, não reduzindo masculino/feminino, macho/fêmea a categorias fixas e opostas, mas pelo contrário examinando as “linguagens de gênero”, das documentações a que trabalha o historiador, com o intuito de encontrar os significados particulares. O foco não deve se reduzir aos papéis atribuídos a homens e mulheres, mas sobre a construção da própria diferença que os restringe em cada contexto.

⁵ Nesse último caso, Scott (2010) se refere a grupos conservadores que não aceitam as diversidades de sexualidades e identidades de gênero e que acusam o movimento feminista (e também LGBT) de ser “ideológico” de desvirtuar valores morais e destruir o modelo de família tradicional – que se restringe ao casal heterossexual.

Portanto, se inicialmente a discussão sobre o conceito de gênero esteve em um lugar entre considerá-lo como fixo e biologicamente definido, ou histórico e socialmente construído, nesse momento, o questionamento se estabelece entre pensá-lo como um produto cultural sobre um corpo sexuado ou como uma categoria geradora de significado das diferenças sexuais. Para Scott (2010), com a problematização focada nas diferenças, o gênero enquanto categoria analítica fica livre para fazer o seu trabalho crítico.

É importante pensar que, no estudo das relações de gênero, são compreendidos como se constituem as diferenças dentro de uma dada sociedade cultural e historicamente localizada, bem como desnaturalizar sempre a visão de que o gênero é biologicamente determinado, pois questiona a definição da sexualidade biológica por si mesma. Assim como os termos que definem o “homem” ou a “mulher” não são naturais, mas construções histórico-sociais.

Os usos do conceito que rejeitam explicações biológicas ou fixas deixam de enquadrar os indivíduos em categorias únicas e homogêneas. Compreender tal imposição através dos modelos ou críticas de Apuleio – isto é, a partir da visão de um autor do século II d. C., que apesar de oriundo de uma província africana-romana, se estabelece como um filósofo e orador cujas extensas viagens lhe oportunizaram estudar e conhecer realidades muito diversa de seu contexto original – é um dos principais objetivos das análises produzidas no desenvolver desta pesquisa.

No que se refere aos estudos sobre a Antiguidade, a historiografia até a década de 1960 dava pouca ou nenhuma atenção às mulheres, já que o interesse se fixava, de maneira geral, no campo da política, da organização militar e das disputas territoriais. Lourdes Conde Feitosa (2005) salienta que os estudos se focavam nas mulheres apenas quando elas detinham algum poder ou tinham alguma relação com homens poderosos. Esses casos são considerados exceções que se referem às mulheres célebres, como nos de Messalina, de Cleópatra ou de Lúcia. O olhar histórico sobre a participação ou influência dessas mulheres estava relacionado às “esferas de poder”, ou seja, em relação ao poder e participação ou influência que elas detinham (FEITOSA, 2005, p. 27). Assim, mesmo que essas mulheres fossem vistas como tendo alguma importância, elas e suas ações ainda estavam subordinadas aos homens.

Em parte, o silêncio da historiografia sobre as mulheres durante muito tempo se deve ao fato de a maior parte dos estudos sobre os antigos terem sido escritos por homens: “a história feminina pouquíssimas vezes foi escrita por mulheres, sendo assim [...] um reflexo dos valores masculinos” (SILVA, Glaydson J. 2001, p. 53). Entretanto, as perspectivas de interpretação provenientes do pensamento feminista oportunizaram novos olhares e questionamentos às antigas fontes, trazendo assim informações até então ignoradas.

Trabalhos que apresentam novas abordagens das fontes já conhecidas proporcionaram toda uma nova concepção acerca das relações de gênero na Antiguidade. Além da pesquisa de Glaydson José da Silva, citado anteriormente, Lourdes Conde Feitosa (1994) utiliza-se também dos autores Petrônio e Ovídio⁶ em sua dissertação de mestrado, para analisar os conceitos e ideais estéticos, éticos e amorosos ligados ao masculino e feminino no início do Principado Romano. Feitosa (1994) encontra a existência de diferentes normas e expectativas para diferentes camadas sociais. Ambos percebem um discurso moralizante sobre a antiguidade (SILVA, Glaydson J. 2001, p. 141; FEITOSA, 1994, 87-8), mas que não necessariamente representam a complexa realidade da sociedade.

Feitosa (2005) passou a se dedicar ao estudo dos grafites parietais da cidade de Pompéia, que apesar das dificuldades da fragmentação e do uso do latim vulgar, possibilitaram-na encontrar vozes de estratos populares sobre temas como amor e sexualidade, que se demonstram conflitantes aos discursos presentes em fontes literárias tradicionais e contrastam com modelos rígidos e generalizantes de muitos discursos históricos.

Esses estudos que objetivam outras propostas sobre a Antiguidade não se apresentam como isolados, e refletem um intenso e produtivo campo da historiografia nacional que nos últimos anos proporcionou a produção diversos livros, dossiês e revistas especializadas apresentaram as multiplicações de temáticas e perspectivas sobre o mundo antigo. Os livros *Amor, desejo e poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino* (FUNARI; FEITOSA; SILVA, 2003) e *História Antiga: contribuições brasileiras* (FUNARI; SILVA; MARTINS, 2008) são obras organizadas com estudos de diferentes autores, e visam apresentar as reflexões das atuais pesquisas sobre as sociedades antigas, tanto especificamente

⁶ A diferença do corpus documental utilizado pela historiadora Lourdes Conde Feitosa é que além da *Ars Amatoria* de Ovídio, utiliza-se também de *Amorum Libri* desse autor.

sobre gênero e representações do feminino, como uma variedade de temáticas abordadas sobre a antiguidade em todo seu âmbito.

Publicações que visam pensar a diversidade e refletir sobre as relações entre o mundo antigo e outras temporalidades, como na obra organizada por Margareth Rago e Pedro Paulo Funari (2008), *Subjetividades antigas e modernas*, e a edição especial 2008 da revista *História: questões e debates*, da Universidade Federal do Paraná, demonstram que as possibilidades de investigação sobre o passado estão longe de chegar ao fim. Todas essas publicações sobre o universo da antiguidade estão em meio as diversas novas figurações das pesquisas em história, e visam quebrar as hierarquias tradicionais (FUNARI; SILVA; MARTINS, 2008, p. 9).

A presente pesquisa também busca, a partir da temática das representações das relações de gênero, construir um novo olhar sobre *Metamorfoses*⁷, de Apuleio. A partir da seleção de passagens, do contexto de produção do autor e da obra, objetiva-se compreender como se constroem as relações de gênero apresentadas pelo autor. Isto é, não se pretende estudar apenas as representações femininas nas obras, mas sim as relações que propiciaram a construção de personagens femininos diante dos masculinos numa perspectiva relacional, já que essas representações de gênero não são desenvolvidas independentemente.

Foram encontradas histórias que não necessariamente correspondem a relações matrimoniais, mas que, em determinado nível, correspondem a relações entre homens e mulheres. Diferentemente do artigo de Donald Lateiner (2000), *Marriage and the return of spouses in Apuleius' Metamorphoses*⁸, que se restringe a busca em análises filológicas termos que representem o casamento e o divórcio entre os casais descritos por Apuleio, para a pesquisa desenvolvida nesta dissertação não são as formas legais de matrimônio e divórcio que importam, mas sim como as relações de gênero foram encaradas pelo autor romano-africano e qual as implicações e o uso que as suas representações podem indicar em relação ao contexto.

⁷ Ressalta-se que as passagens selecionadas e os termos destacados foram, por nós, traduzidos do latim a partir da edição bilíngue, latim-inglês, de *Metamorphoses*, editado e traduzido por J. Arthur Hanson, publicado em 2001, pela LOEB, em dois volumes. Bem como, utilizou-se a edição em português, traduzida direta do latim por Ruth Guimarães, publicado pela Ediouro sob o título de *O Asno de Ouro* (s.d.), com o objetivo de comparação e conferência, a fim de efetuar uma tradução mais acurada dos termos e seus significados.

⁸ Este artigo será melhor explanado ao longo do segundo capítulo.

Para isso, o trabalho foi organizado em três capítulos, sendo que o primeiro apresenta um panorama a respeito de Apuleio, sua vida e sua obra, para que se possa conhecer o autor, e compreender seu lugar de fala. Em seguida é apresentado um resumo da história da obra *Metamorfoses*, e algumas reflexões acerca de sua estrutura narrativa para que se possa compreender como se desenvolvem os acontecimentos e a partir de então analisar as representações do autor. Por fim são explanadas as principais temáticas de pesquisas que tem seu em seu foco central nesta obra tão singular.

Os capítulos seguintes consistem no estudo de temas específicos, a partir de três questões básicas: o que está sendo representado, que tipo de figurações o autor escolheu; porque tal imagem deve ser satirizado pelo autor e que tipo de significado pode-se inferir das representações. Estas questões são organizadas a partir das relações entre os gêneros, mas também pensando relativo às camadas sociais a que os personagens são pertencentes.

Para o segundo capítulo, especificamente, é dedicada uma reflexão sobre como Apuleio constrói os diferentes papéis de gênero a partir da operacionalização do conceito de gênero e de passagens da obra. Em seguida, uma análise acerca das relações de gênero na Antiguidade e como Apuleio representa essas relações na obra *Metamorfoses*.

No último capítulo, por fim, discute-se outras passagens que representam uma das principais características das personagens femininas na obra: a ligação da natureza feminina com a imagem da feiticeira. Em seguida, analisar-se-á o modelo que se contrapõe a toda a representação negativa relacionada às mulheres: a *matrona*. Discute-se as influências que o autor romano-africano poderia ter em seu contexto e as possíveis intenções das representações desses tipos de modelos em sua narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do processo de desenvolvimento desta pesquisa e a partir das reflexões advindas dos questionamentos que foram suscitados, algumas considerações foram elaboradas.

Primeiramente, como uma representação, a obra encontra-se uma relação dialógica entre seu produtor e a sociedade em que está inserida. Quando um autor produz uma representação a faz por diversos motivos, mas para que esse produto seja reconhecido pela sua audiência, o público deve identificar na obra questões do seu próprio universo para que a representação faça sentido. Portanto, existe uma interação entre autor e público.

Em *Metamorfoses*, Apuleio dialoga com uma parcela privilegiada da sociedade, cujo acesso às letras é maior, a que ele mesmo era pertencente. Logo no início da narrativa do livro *Metamorfoses*, o protagonista-narrador Lúcio apresenta-se como oriundo de uma alta camada social ao destacar como ancestrais maternos dois célebres personagens históricos reais: Plutarco e seu sobrinho, o filósofo Sextus (APULEIO, *Metam.*, I, 2). Essa mistura de elementos reais no meio da narrativa é uma das questões mais interessantes na obra, e permite estender as visões do real nela presente sobre as relações sociais e econômicas em uma província romana, que são fixadas no presente imediato de Apuleio, no período do Império Romano.

O fato da narrativa básica do livro ser uma tradução de um curto livro grego de Lúcio de Pátria, do século I d. C., o explica o porquê de a história de Apuleio se passar em províncias no centro e no norte da Grécia (Hípata, Corinto, Concreias, entre outras) e não na África – sua pátria natal (MILLAR, 1981, p. 63). O que, no entanto, não contradiz a ideia de que a narrativa de Apuleio seja original e traga ligações com seu universo, haja vista que apesar da história se passar nestas cidades gregas, diversas passagens indicam referências às leis e práticas jurídicas romanas, especialmente das províncias, à legislação e prática de matrimônio e divórcio que não estão presentes na história precedente e que demandam profundo conhecimento cultural.

Certamente, a obra de Apuleio pode ser considerada original tanto por todas as alterações e adaptações feitas a partir da história grega, quanto por suas

representações e críticas satirizadas da sociedade que lhe era familiar, pois apesar de ser oriundo de uma colônia norte-africana, Apuleio obteve, por suas vastas viagens, um conhecimento privilegiado acerca da diversidade do Império. Nesse sentido, suas descrições não são necessariamente advindas de um relato autobiográfico, mas, de fato são provenientes de uma visão e interpretação próprias. Sendo assim, encontram-se presentes na narrativa elementos que são familiares ao universo do autor e que indicam como enxerga a sociedade de seu período. A importância desta obra enquanto documento histórico está justamente na relação das representações produzidas por uma perspectiva provinciana, entretanto, da camada alta da sociedade romana-africana que o colocou em um lugar privilegiado ao olhar sobre seu tempo e de seus contemporâneos.

A partir do quadro de pesquisas, percebeu-se que *Metamorfoses* é uma obra que, apesar de se distinguir do restante de sua produção literária, não deixa de discutir questões sobre filosofia, religiosidade, moral, política, legislações, entre outros infindáveis temas que permeiam seu contexto. Além disso, o estrato social da qual é proveniente, suas viagens, lugares e profissões de atuação também apresentam grande influência no seu modo de representar a sociedade, tendo escolhido o gênero literário satírico para compor uma crítica social.

Pela perspectiva de gênero foram desenvolvidas as análises da construção das representações envolvendo as relações de gênero que Apuleio produz. A investigação das circunstâncias em que os significados das representações são expressos e limitados em conceitos e ideais normativos, retrataram oposições binárias, destinadas ao universo masculino e feminino. Esses aspectos foram pautados no exame dessas construções generificadas, relacionando-as contextualmente com a organização social. Assim, a partir da escolha quanto ao tipo de construções dessas representações, compreendeu-se que o autor buscou desenvolver contraposições entre os gêneros, pois uma vez que as mulheres não se assemelham com os homens, são representadas como o negativo, o inverso e o maléfico na narrativa de *Metamorfoses*; enquanto os homens, mesmo os que não satisfazem as expectativas referentes aos modelos clássicos de cidadão romano, como no caso de Milão, são representados como vítimas dos desejos das mulheres – seres inconsequentes, passionais, vis e desviantes independentes de seu status social.

As figurações da magia como práticas naturalmente femininas representam uma visão recorrente na Antiguidade em geral. Evocada diversas vezes na obra pelo autor romano-africano, essa imagem é utilizada como crítica às práticas vulgares, vistas socialmente como condenáveis e presentes no imaginário social.

Nesse estudo, concluiu-se que Apuleio não apenas critica uma prática considerada recorrente entre as mulheres de sua sociedade, mas vai além, pois se utiliza dessas figurações para outro objetivo: a tentativa de se afastar ainda mais da fama de mágico.

Apuleio fala a seus pares e, quando satiriza as práticas mágicas e as liga às mulheres, demonstra que ele mesmo não poderia ser associado a elas ou rebaixado a esse patamar. Assim posto, é possível concluir que Apuleio busca nesse tipo de representação também se distanciar das acusações a que foi submetido ao casar-se com Pudentila, bem como da fama de mágico que ainda o perseguia, mesmo muitos anos após o fim de seu julgamento e, até mesmo, da publicação da versão escrita de seu discurso de autodefesa. Isto é, assim como na *Apologia*, obra cujo autor apresenta argumentos contra a acusação do uso de práticas condenáveis, nas *Metamorfoses*, ele as representa de forma a desconectá-las ainda mais de seu próprio meio ao criticar os praticantes de magia.

Em contraposição, na representação acerca do ideal de *matrona*, Apuleio apresenta as virtudes e modelos de conduta que considera favorável para as mulheres de seu período e contexto. Apresentando uma imagem inspirada em personagens conhecidas do público, como Pompéia Plotina e, mais especificamente do seu meio social, sua esposa Emília Pudentila, constrói a representação de Plotina como uma mulher que se distancia das personagens criticadas da obra, mas que ao mesmo tempo se difere um pouco da imagem da *matrona* romana ideal. Nesse sentido, Apuleio indica sua visão sobre as atitudes virtuosas da mulher aristocrática.

A personagem representa um contraponto às figurações femininas criticadas e satirizadas na obra *Metamorfoses*. Entretanto, ao laurear as atitudes desta personagem, Apuleio se utiliza de características masculinas, evidenciando ainda mais sua visão dicotômica acerca das relações de gênero. As mulheres romanas não podiam desempenhar cargos políticos, entretanto, não é devido a isso que não desempenhavam nenhum papel de importância nos meios sociais. Ao analisar a imagem que Apuleio constrói de Plotina, e ao compará-la a representação de

Pudentila na sua *Apologia*, é possível questionar a importância e a influência que mulheres poderiam exercer sobre as relações políticas e de poder em sua província.

Um dos principais obstáculos ao desenvolver um estudo sobre as mulheres romanas é, de fato, em relação as fontes. A maior parte das referências à vida das mulheres é indireta, e em sua maioria está condicionada ao universo masculino. Do contrário, não sendo referenciadas por suas relações aos homens (como filhas, esposas, mães, etc), são representadas a partir de uma visão masculina, como é o caso das mulheres de Apuleio. Por essa razão, não é suficiente buscar estudá-las independentemente.

A historiografia de gênero proporcionou, portanto, oportunidade de questionamento dessa obra literária, não apenas em relação aos papéis que homens e mulheres devem se subordinar em determinado período e visão, mas a pensar na construção dos gêneros na sociedade e como reconhecer quais os objetivos que as representações de gênero têm na narrativa.

Os textos literários são, de fato, fontes riquíssimas para o estudo das relações de gênero em diferentes contextos históricos. A obra *Metamorfoses* de Apuleio, oportunizou compreender um pouco melhor as representações que foram feitas das mulheres em relação aos homens, especificamente sob um prisma masculino do universo aristocrático e provinciano do período do Império Romano.

REFERÊNCIAS

Fontes:

APULEIO, Lúcio. *O Asno de Ouro*. Tradução de Ruth Guimarães. Rio de Janeiro: Ediouro, s. d.

APULEIUS. *Methamorphoses* Books I-VI (vol I). Edited and Translated by J. Arthur Hanson. London: Loeb classical Library, 2001.

APULEIUS. *Methamorphoses* Books VII-XI (vol II). Edited and Translated by J. Arthur Hanson. London: Loeb classical Library, 2001.

APULEYO, *Apologia*. Tradução, introdução e notas de Santiago Segura Munguía. Madrid: Editorial Gredos, 1980.

Bibliografia:

BAKHTIN, Mikhail M. Formas de Tempo e de Cronotopo no Romance (Ensaio de poética histórica). In: _____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1988. p. 211-360.

BOHM, Robert Karl. The Isis episode in Apuleius. *The Classical Journal*, v. 68, n. 3, fev./mar, p. 228-231, 1973.

BRADLEY, Keith. Contending with conversion: reflections on the reformation of Lucius the ass. *Phoenix*, v. 52, n. 3/4, p. 315-334, 1998.

BRETT, Michael; FENTRESS, Elizabeth. Berbers in Antiquity. In: _____. *The Berbers* Oxford: Blackwell, 1996. p. 10-49.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2º ed., 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 151-172.

BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: _____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 15-60.

CARDOSO, Zelia de Almeida. *A literatura latina*. 3ª Ed. rev. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CARVALHO, Margarida Maria de; GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Mulher romana e casamento na obra de Apuleio. *História*, São Paulo, v. 12, p. 115-122, 1993.

CAVICCHIOLI, Marina Regis. A posição da mulher na Roma antiga: do discurso acadêmico ao ato sexual. In: FUNARI, P.P.A.; FEITOSA, L.C.; SILVA, G.J. (Org.). *Amor, desejo e poder na Antiguidade: Relações de gênero e representações do feminino*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 287-296.

CERQUEIRA, Fábio Vergara; PINTO, Renato. Introdução: uma breve reflexão a respeito dos estudos sobre o homoerotismo. *Métis: história & cultura*, v. 10, n. 20, p. 7-14, jul/dez., 2011.

CITRONI, M.; CONSOLINO, F. E.; LABATE, M.; NARDUCCI, E. *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

CORTE, José Carlos Fernández. Apuleyo. In: CODOÑER, Carmen (Org.). *Historia da literatura latina*. Madrid: Cátedra, 1997, p. 665-670.

DODDS, E. R. Teurgia. In: _____. Os gregos e o irracional. Tradução de Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Escuta, 2002, p. 285-214.

FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora. O culto da deusa Ísis entre os romanos no século II: representações nas Metamorfoses de Apuleio. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis. 2006.

FEITOSA, Lourdes Conde. *Amor e Sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia*. São Paulo: Annablume, 2005.

FEITOSA, Lourdes Conde. *Homens e mulheres romanos: o corpo, o amor e a moral, segundo a literatura amorosa do primeiro século d. C. (Ovídio e Petrônio)*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciência e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1994.

FERRÃO, Cristina Maria Gomes. A simbólica dos animais no romance de Apuleio. *Hvmanitas*, Coimbra, v. LII, p. 99-139, 2000.

FINLEY, Moses. *Aspectos da antiguidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. 3: o cuidado de si. Tradução de: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FUNARI, Pedro Paulo A. *A vida quotidiana na Roma Antiga*. São Paulo: Annablume, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo A. Romanas por elas mesmas. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 5, p. 179-200, 1995.

FUNARI, Pedro Paulo A.; GARRAFFONI, Renata Senna. Gêneros e conflitos no Satyricon: o caso da dama de Éfeso. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 48/49, p. 101-117, 2008.

FUNARI, Pedro Paulo A.; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson, José da (Org.). *Amor, desejo e poder na Antiguidade: Relações de gênero e representações do feminino*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003

FUNARI, Pedro Paulo A.; SILVA, Glaydson, José da; MARTINS, Adilton Luíz (Org.). *História Antiga: contribuições brasileiras*. São Paulo: Annablume, 2008.

GARRAFFONI, Renata. Apresentação: Identidades e conflitos no mundo antigo & Mundo antigo e cultura moderna. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 48/49, 2008.

GIBELATO, Lahís Moreno. Romance com uma escrava: relações de gênero em O Asno de Ouro de Apuleio. *Roda da Fortuna*. v.1, p. 67-76, 2012.

GOHN, Maria da Glória. Desafios dos movimentos sociais hoje no Brasil. *SER Social*, v.15, n. 33, p. 261-384, jul./dez. 2013.

GRIMAL, Pierre. *O amor em roma*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GRUBBS, Judith Evans. The Family. In: POTTER, David (Ed.). *A companion to the Roman Empire*. Blackwell Publishing Ltd, 2006. P. 312-326.

GUIMARÃES, Ruth. O Homem de Madaura. In: APULEIO, Lúcio. *O Asno de Ouro*. Trad. Ruth Guimarães. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. p. 7-14.

HARRISON, Stephen J. Apuleius: a latin sophist. Oxford: Oxford University Press, 2001. Resenha de: FINKELPEARL, Ellen D. *The American Journal of Philology*, v. 122, n. 3, p. 454-458, 2001.

HIDALGO DE LA VEGA, María José. El sofista Apuleyo de Madaura y la memoria: construccíin de la imagen de su esposa Emilia Pudentila, uma aristocrata africana. *Studia histórica, História Antigua*. v. 29, p. 197-221, 2011.

HUNINK, Vincent. Apuleius, Pudentilla, and christianity. *Vigiliae Christianae*, v. 54, n. 1, p. 80-94, 2000.

LA ROCCA, Adolfo. Introduzione. In: _____. *Il Filósofo e la Città: Commento storico ai Florida di Apuleio*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2005. p. 11-78.

LAST, Hugh. Rome and the Empire. In: COOK, S.A.; ADCOCK, F.E.; CHARLESWORTH, M.P. (Ed.). *The Cambridge Ancient History* v. XI: The imperial Peace a.d. 70-192. Cambridge, 1969. p. 435-478.

LATEINER, Donald. Marriage na the returno of spouses in Apuleius' "Metamorphoses". *The Classical Jornal*, v. 95, n. 4, p. 313-332, abr./maio, 2000.

LE GOFF, Jacques. (org.). *A História nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEMOS, Márcia Santos. O 'mos maiorum' e a fortuna do Império Romano no século IV d. C. *Dimensões*. v. 25, p. 46-62, 2010.

LIBBY, Brigitte B. Moons, smok, and mirrors in Apuleius' portrayal of Isis. *America Journal of Philology*, v. 132, n. 2, p. 301-322, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes. 1997.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo educado: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAHJOUBI, A. O período romano e pós-romano na África do Norte. In: MOKHTAR, Gamal (Ed.). *História Geral da África* v. 2: África antiga. [Tradução MEC – Centro de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos]. 3ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011. p. 501-544.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 11, p. 67-75, 1998

MATOS, Maria Izilda Santos de. História das mulheres e gênero: usos e perspectiva. In.: PISCITELLI, Adriana et al. (Orgs.). *Olhares Feministas*. Brasília, Ministério da Educação, 2009. p. 277-289.

MILLAR, Fergus. The world of The Golden Ass. *The journal of Roman Studies*. Published by: Society for the Promotion of Roman Studies, v. 7, p. 63-75, 1981.

MONTEIRO, Santiago. *Deusas e advinhas: mulher e adivinhação na Roma Antiga*. Tradução de Nelson Canabarro. São Paulo: Musa Editora, 1998.

MÜLLER-REINEKE, H. rarae fidei atque singularis pudicitiae femina: The figure of Plotina in Apuleius' novel (Metamorphoses, 7.6-7.). *Mnemosyne*, v. 61, fasc. 4, p. 619-633, 2008.

MUNGUÍA, Santiago Segura. Introducción general. In: APULEYO, *Apologia*. Tradução, introdução e notas de Santiago Segura Munguía. Madrid: Editorial Gredos, 1980. p. 7-49.

OMENA, Luciane Munhoz de. A magia como exercício de poder utilizada pelas mulheres fictícias nas Metamorfoses de Lúcio Apuleio. *Caderno Espaço Feminino*, v. 21, n. 1, jan./jul. pp. 99-115, 2009.

OMENA, Luciane Munhoz de. As estratégias de afirmação social das mulheres no romance O asno de ouro, de Lúcio Apuleio. *História: Questões & Debates*. n. 34, Curitiba, p. 65-88, 2001.

OSGOOD, Josiah. Nuptiae lure Civili Congruae: Apuleius's story of Cupid and Psyche and the roman law of marriage. *Transactions of the American Philological Association*, v. 136, n. 2, p. 415-441, 2006.

PANAYOTAKIS, Costas. Vision and light in Apuleius' tale of Psyche and her mysterious husband. *The Classical Quarterly*, v. 51, n. 2, p. 576-583, 2001.

PARATORE, Ettore. Apuleio. In: _____. *História da literatura latina*. Tradução de Manoel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1987. p. 811-830.

PARKER, S; MURGATROYD, P. Love poetry and Apuleius' Cupid and Psyche". *The Classical Quarterly*, v. 52, n. 1, p. 400-404, 2002.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*, v. 2: Cultura Romana. 3ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

RAGO, Margareth. Descobrindo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 11, p. 89-98, 1998.

RAGO, Margareth; FUNARI, Pedro Paulo A. (Org.). *Subjetividades antigas e modernas*. São Paulo: Annablume, 2008.

ROUSSELLE, Aline. A política dos corpos: entre procriação e continência em Roma. In: PANTEL, P. S. (Dir.). *História das mulheres no ocidente* v.1: A Antiguidade. Porto: Afrontamento, 1990. p. 351-410.

SANZI, Ennio. *Cultos orientais e magia no mundo helenístico-romano: modelos e perspectivas metodológicas*. Tradução de Silvia M. A. Siqueira (Org.). Fortaleza: UECE, 2006.

SCHEID, John. O sacerdote. In: GIARDINA, Andrea. *O Homem Romano*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1992, p. 51-72.

SCHLAM, Carl. Platônica in the Metamorphoses of Apuleius. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, v. 101, p. 477-487, 1970.

SCOTT, Joan Wallach. Gender: Still a useful category of analysis? *Diogenes*, v. 57, n. 7, p. 7-14, 2010.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Unesp, 1992a. p. 63-95.

SCOTT, Joan Wallach. Igualdad versus diferencia: los usos de la teoría postestructuralista. Tradução de Marta Lamas. *Debate Feminista*, México, Ano 3, v. 5, p. 87-107, março, 1992b. Disponível em: <http://www.debatefeminista.com/articulos.php?id_articulo=1012&id_volumen=40> Acesso em 20/01/2016.

SCOTT, Joan Wallach. O enigma da igualdade. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan/abr, 2005.

SCOTT, Joan Wallach. Prefácio a Gender and politics of Histoy. Tradução de Mariza Corrêa. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 11-27, 1994.

SILVA, Gilvan Ventura. Magia e poder no Império Romano: a perseguição aos mágicos e adivinhos entre a História e a Antropologia. *Revista de História* (UFES), Vitória, v. 8, p. 34-40, 1999.

SILVA, Gilvan Ventura. *Reis, santos e feiticeiros: Constâncio II e os fundamentos místicos da basileia (337-361)*. Vitória: Edufes, 2003.

SILVA, Glaydson José da. *Aspectos de cultura e gênero na Arte de Amar, de Ovídio, e no Satyricon, de Petrônio: representações e relações*. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SILVA, Semíramis Corsi. Aspectos de religiosidade de Apuleio: Entre magia e filosofia no II século d. C.. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, v. 1, n. 3, 2009. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em: 01/08/2010.

SILVA, Semíramis Corsi. *Magia e poder no Império Romano: a Apologia de Apuleio*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2012a.

SILVA, Semíramis Corsi. Mulher e casamento em Roma: considerações sobre a matrona Pudentila. In: CÂNDIDO, Maria Regina (Org.). *Mulheres na Antiguidade: novas perspectivas e abordagens*. Rio de Janeiro, UERJ/NEA, v.1, 2012b, p. 332-346.

SILVA, Semíramis Corsi. *Relações de poder em um processo de magia no século II d. C.: Uma análise do discurso Apologia de Apuleio*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – Universidade Estadual Paulista, Franca. 2006.

SILVA, Semíramis Corsi. Representações da Religiosidade Romana no II século d.C.: O Testemunho de Apuleio. *Oracula* (UMESP), v. 11, p. 118-135, 2010.

SUMMERS, Richard G. Roman justice and Apuleius' Metamorphoses. *Transactions and Proceedings of the Americal Philological Association*, v. 101, p. 511-531, 1970.

THOMAS, Yan. A divisão dos sexos no direito romano. In: PANTEL, P. S. (Dir.). *História das mulheres no ocidente v.1: A Antiguidade*. Porto: Afrontamento, 1990. p. 127-202.

VEYNE, Paul. O império romano. In: _____. (Org.). *História da vida privada v.1: Do Império Romano ao ano mil*. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 17-211.

VÍLCHEZ, Fidel Pascua. O conceito de magia na Antiguidade através da obra Apologia de Apuleio. *Boletim*, n. 60. p. 61-78, jan/jul. 2011.